

ANA PAULA SILVA BARBOSA

**A REPRODUÇÃO DO RACISMO A PARTIR DO USO DAS  
OBRAS DE MONTEIRO LOBATO NA ATUALIDADE**

Belo Horizonte  
2016

ANA PAULA SILVA BARBOSA

**A REPRODUÇÃO DO RACISMO A PARTIR DO USO DAS  
OBRAS DE MONTEIRO LOBATO NA ATUALIDADE**

Monografia apresentada ao Curso de  
Especialização em Gênero e Diversidade na  
Escola como requisito parcial para a obtenção  
do título de Especialista.

Orientadora: Claudia Mayorga

Belo Horizonte  
2016

BARBOSA, Ana Paula Silva.

A reprodução do racismo a partir das obras de Monteiro Lobato na atualidade;  
Especialização Em Gênero e Diversidade na Escola / Ana Paula Silva Barbosa  
– 2016.

Orientadora (a): Cláudia Mayorga

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gênero e  
Diversidade na Escola como requisito parcial para a obtenção do título de  
Especialista.

I. Gênero e Diversidade na Escola I. Mayorga Cláudia II Universidade  
Federal de Minas Gerais.

## TERMO DE APROVAÇÃO

Monografia intitulada **A reprodução do racismo a partir das obras de Monteiro Lobato**, de autoria de Ana Paula Silva Barbosa, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Claudia Mayorga (orientadora)  
Doutora em Psicologia Social pela Universidade Complutense de Madri – Espanha

---

Tayane Rogeria Lino  
Doutoranda do programa de Pós-graduação em Psicologia da UFMG

---

Letícia Cardoso Barreto  
Doutora em Ciências Humanas - UFSC

Belo Horizonte, 27 de janeiro de 2016

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todos os momentos que pensei em desistir e ele me deu forças para seguir. Agradeço ao meu falecido avô, José Bento da Silva, que mesmo analfabeto me ensinou o valor dos estudos e o respeito ao próximo. Agradeço meu querido pai e minha querida mãe por se orgulharem de mim e me amparar nos momentos mais difíceis. Agradeço aos meus filhos que nunca reclamaram minha ausência, que sempre me fortaleceram vendo em mim um exemplo a ser seguido. Agradeço ao meu esposo, Tiago de Araújo, que apoia e ampara meus estudos. Enfim agradeço a toda equipe do GDE especialmente a minha orientadora Cláudia Mayorga e a minha tutora Thalita Rodrigues, que compreenderam e auxiliaram com êxito este processo. Enfim agradeço a mim por acreditar em minha capacidade e superar todos os obstáculos sem reclamar.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.”

(Nelson Mandela, 1995)

## RESUMO

Este trabalho busca analisar o racismo presente nas obras de Monteiro Lobato e a suas implicações na propagação do mesmo. A falta de conhecimento leva o educador a promover um discurso racista levando aos alunos a reproduzi-lo no mundo contemporâneo. A temática foi abordada fundamentando-se em conhecimentos implícitos da autora e em análise bibliográfica de artigos, livros e notícias que comprovam a tese defendida mostrando que em suas obras Monteiro Lobato apresenta seu racismo velado e explícito.

**Palavra-chave:** racismo, Monteiro Lobato, análise bibliográfica, reprodução

## ABSTRACT

This paper analyzes the present racism in the works of Monteiro Lobato and its implications for the spread of it. Lack of knowledge leads the educator to promote a racist speech leading students to play it in the contemporary world. The theme was discussed basing on implicit knowledge of the author and literature review articles, books and news that prove the argument of showing that in their Monteiro Lobato works presents its veiled and explicit racism.

**Keyword:** racism, Monteiro Lobato, literature review, reproduction

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	9
<b>1 Identidade e raça</b> .....	13
1.1 As relações entre indivíduos e sociedade.....	13
1.2 Dinâmicas do racismo no Brasil.....	15
1.3 Monteiro Lobato, formado para ser racista?.....	19
<b>2 O racismo nas obras de Lobato</b> .....	21
2.1 De herói a vilão?.....	21
2.2 Histórias de Tia Nastácia, ficção que reflete a realidade.....	25
2.3 Sua obra é sua verdadeira identidade.....	37
<b>Considerações Finais</b> .....	41
<b>Referências</b> .....	44



## INTRODUÇÃO

O início foi uma pergunta, o fim chega por uma pergunta. Por que o homem oprime a própria raça? Não há amor em grande parte da humanidade, os humanos nascem puros, vigorosos e fortes, porém morrem desiludidos com a figura que o deus dá a vida. Durante anos de minha infância sonhei em conquistar e percorrer o mundo tornando-o melhor. Assim iniciei minha vida de estudante, inocente e com fé na humanidade. Busquei desesperadamente ser feliz e fazer boas escolhas. Nunca compreendi a falta de um amigo verdadeiro. Ninguém me queria como amiga, mandavam-me calar constantemente, talvez por que eu via a hipocrisia presente na perfeição.

Sou neta de um negão, órfão e pobre. Meu avô materno superou todas as desgraças que a vida lhe trouxe. Muito pequena não conseguia compreender o porquê de meu pai sempre ser tratado como um inútil pela família dele. Às vezes eu era submetida a um interrogatório, os irmãos e pais de meu pai queriam saber o que estava acontecendo na família de minha mãe. Demorou um tempo para eu perceber que o que havia de errado era a cor dos olhos e da pele. Meu pai, louro de olhos verdes; minha mãe morena de cabelo crespo e olhos negros. Casaram enfrentando tudo e todos. Não houve até hoje um momento em que não sinto os olhares de advertência. Superamos, estudamos, contrariando as expectativas.

Com o tempo o desejo de fazer algo, para mostrar que todos nós somos iguais, aumentou. Embebedada com tal filosofia, fui para a escola pela primeira vez. Conheci Monteiro Lobato. Um tempo e veio o primeiro teatro, o choro para não ser Tia Nastácia não saiu da mente. O primeiro namorado, reprovada, era mulato. Os amigos, os primos, todos passavam por interrogatório na família de meu pai. Fui distanciando, fazendo minhas escolhas e hoje me lembro dos momentos que ficaram esquecidos. Foi esta infância que me levou a gostar do GDE, pela primeira vez enxergo as verdades, fico triste, mas hoje sei o que fazer, encontrei as armas para lutar por uma causa honrosa.

Como educadora, escolhi a Literatura e a Pedagogia para levar aos alunos o amor que tenho em educar. No início de cada ano distribuía às crianças as listas de obras recomendadas para o ano. Monteiro Lobato nunca ficou fora, obras como Reinações de Narizinho, A chave do Tamanho, Caçadas de Pedrinho, Histórias de Tia Nastácia, Urupês, Cidades Mortas, Negrinha, estavam sempre presentes. Para que o aluno compreenda a obra e

tenha um bom desempenho é necessário conhecer o autor e o contexto que o cerca. Durante este estudo nos deparávamos com uma figura revolucionária e um contexto histórico onde as desigualdades eram aparentes. À medida que conhecia suas obras e sua história fui deixado de admirá-lo, comparava-o a Machado de Assis, Cecília Meireles, Clarice Lispector, autores que quanto mais eu lia mais me apaixonava. Os estudos sobre as obras de Lobato tomavam um caráter de debate e julgamento. Os alunos e eu criticávamos as ações de muitos personagens e trazíamos tais ações para a atualidade. Fui fazendo com que eles também se decepcionassem com Lobato. No final de cada ano fazíamos uma avaliação para eleger os melhores e os piores livros lido e os alunos faziam as listas de autores que gostariam de continuar lendo. Depois que comecei a fazer o GDE comecei a analisar o porquê Monteiro Lobato foi sumindo dos desejos dos alunos, li artigos sobre suas obras, estudos recentes e assustei com a ignorância que me fez reproduzir por anos seu racismo e sua soberba.

Nas obras de Monteiro Lobato percebe-se uma forte influência racista e preconceituosa. Principalmente em *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, onde Tia Nastácia sofre com as afrontas de Emília e do próprio narrador das histórias que a chama de macaca, fala que a carne é preta e carnicenta, e várias outras expressões que a ridiculariza. Este autor viveu em uma época na qual o racismo e a separação das raças eram comuns e pouco combatidas. Assim suas obras estão carregadas de expressões preconceituosas e discriminatórias. Usá-las em sala de aula sem estudo prévio é um perigo, pois podem acentuar o racismo no Brasil.

Vetar o direito a compra de suas obras não é um caminho legítimo, mas discutir a temática e impedir que seja propagada pela a escola é um dever do estado para com a sociedade. É certo que a desigualdade é constituída da sociedade capitalista assim o processo de constituição das classes e a forma como elas se estruturam determinam o aparecimento de uma série de frações. No Brasil percebe-se que com a chegada dos portugueses a discriminação se instalou aqui. Inicialmente em relação aos índios e depois em relação aos escravos. Até hoje seus descendentes sofrem preconceito, pois o Brasil tornou-se um dos países mais desiguais do mundo. Com a busca pela modernização após a Segunda Guerra mundial o racismo encontrou mecanismo único em solo tupiniquim. País de mestiços e múltiplas culturas, o Brasil é ideal para a afirmativa que não existe preconceito racial. Porém é um discurso mentiroso, não existe igualdade, não existe respeito, foi apenas uma válvula de negação do que é visível.

Segundo a cientista social brasileira Márcia Anita Sprandel (2004) a pobreza no Brasil e consecutivamente a desigualdade que a intensificou, primeiramente consistiu em relacioná-la à influência do clima e à riqueza das matas e do solo. Afirmava-se que o brasileiro era preguiçoso, indolente, supersticioso e ignorante porque a natureza tudo lhe dava e não precisava trabalhar. Nesta perspectiva já notamos o quanto Monteiro Lobato já criticava a população menos favorecida do Brasil. Compactuando com tal ideologia ele escreve Urupês( 1918) que tem como personagem principal o Jeca Tatu que só faz o Brasil regredir, pois era preguiçoso e não acrescentava em nada para o crescimento social da cultura brasileira.

As obras de Lobato são muito ambíguas, porém é uma tática do autor para não deixar visível seu caráter racista. O racismo é uma prática que deve ser combatida não devendo deixar margem para dúvida. Devemos ser duros e não aceitar brincadeiras de mal gosto, expressões racistas e justificativas levianas para ações discriminatórias.

De acordo com o capítulo quatro, Relações Étnico-raciais, do livro Marcas da Diferença no Ensino Escolar, organizado por Richard Miskolci( 2010) a escola não é racialmente neutra, ela permite o surgimento de questões referentes às contribuições do processo educacional formal tanto na perpetuação de normas sociais de conduta quanto valores e experiências. Neste cenário é que propagará o racismo presente na literatura brasileira. Por isto é neste ambiente que devemos interferir e modificar a maneira de encarar o problema.

Na educação do século XXI os questionamentos das obras não é o suficiente, é necessário o reconhecimento da diferença e a promoção de políticas e processos relacionados à valorização da população negra, como valorização das diversas vivências que compõem a cultura brasileira. O papel da escola é debater e reconhecer a diferença repensando a forma como as questões de raça, gênero e sexualidade são abordados nos conteúdos e no ambiente escolar. Assim este trabalho de conclusão de curso terá por meta abordar a obra de Monteiro Lobato como um exemplo a ser repensado, pois não só esta vertente tem cunho racista, o preconceito racial está presente nos livros didáticos, nas revistas, na televisão, nas falas dos educadores, na educação familiar e em diversos setores da cultura brasileira. Este autor não está só em suas ideias e temas, posso aqui citar muitos outros que também assumem de certa forma uma postura racista e preconceituosa, portanto será apenas uma mostra de como podemos repensar o estudo da Literatura Brasileira diante da valorização da cultura negra na educação.

No primeiro capítulo há um panorama entre a formação do indivíduo e a sociedade, objetivando a formação de Monteiro Lobato como princípio de seus conceitos preconceituosos e racistas. O meio onde o autor nasce o conduzirá. Os valores familiares serão reproduzidos em suas obras. Mostra-se de grande importância esta volta às origens e a maneira como um indivíduo é educado, para podermos assim interpretá-lo com mais exatidão. Tendo conhecimento das dinâmicas do racismo no Brasil, trilhar nos textos interpretações de preconceitos velados torna-se mais assertivo os julgamentos.

O ídolo nacional da Literatura mostra seu lado macabro, revelando-nos a cada linha, a cada palavra. Um autor não consegue se esconder por traz das obras, elas são o reflexo de sua alma. Desmontar um conceito naturalizado não é fácil, mas tirar as máscaras deste intocável para muito é tarefa deste trabalho, pois não podemos permitir que conceitos ultrapassados e desumanos, cheguem às estantes, ao alcance de nossos pequenos. Trabalhar este autor requer preparação e abertura para enxergar esta nova personalidade obstruída pela ignorância.

# 1. IDENTIDADE E RAÇA

## 1. 1. AS RELAÇÕES ENTRE INDIVÍDUO E SOCIEDADE

A socialização é o processo de criação de um membro social, é a interiorização de conceitos transmitidos através da cultura, é a transmissão de regras para a vida em grupo. É um processo permanente e contínuo que se inicia a cada nascimento de um ser e vai até seu falecimento. É o processo de adequação dos seres humanos ao contexto que os cercam. Esta se dá de duas formas através da socialização primária e da socialização secundária.

Quando a socialização acontece para que os membros sociais apreendam o básico das regras que regem determinada cultura temos a socialização primária. Escovar dentes, usar talheres, tomar banho, são exemplos que são básicos e naturais para algumas culturas, e é importante perceber que não é algo natural, mas que são regras de algumas culturas. Esta é adquirida nas famílias e nas escolas. Este processo é imprescindível para a integração social.

Ao longo de nossa vida vem à socialização secundária que é aquela que ajuda-nos a adaptar às situações novas que vão surgindo com nossa evolução. Esta é a mais difícil, pois mudanças requerem coragem e sabedoria para descartar o desnecessário e adquirir o necessário para evolução. Até cortar os defeitos pode ser perigoso, pois nunca se é um defeito que nos sustenta, disse Clarice Lispector sobre o perigo de se adequar.

O processo de socialização acontece de forma fragmentada, gradual e precisa ser intercalado com diversas realidades. Tudo começa na família, início de vida de um ser, esta ensinará aos novos membros a cultura de valores pertencentes ao grupo. O processo se estende saindo do lar para seus arredores, como a rua, grupo de amigos, cidade e região. Este se dá de maneira informal, porém os agentes de socialização muito influenciam na construção dos valores do indivíduo. Os meios de comunicação global são estes agentes que podem contribuir ou destruir regras sociais que respeitam as diferenças em grande escala.

Há também locais formais, criados para que o grupo mantenha uma unidade que o destoa dos demais. A formação desta identidade se dá através das escolas, igrejas e instituições que mantenham a cultura. Esta formação é a mais perigosa, pois marca a

normalidade deste fragmento provocando uma relação de desigualdade de identidade, a diferença que os separa dos demais. As relações conflituosas começam por selecionar, na busca do poder, a diferença que quer ser vista como norma e padrão a ser seguido.

Em ambos, formal e informal, aprende-se a obedecer às regras de convivência, a lidar com as diferenças e as diversidades, porém estes só terão sucesso na formação de humanos dotados de ética e respeito ao próximo se não forem feitos de formas isoladas e descontextualizadas. Os humanos devem ser formados para assumirem seu posicionamento no “quebra-cabeça” da evolução, onde todos possuem um lugar e um modo de encaixar as particularidades para a formação do todo.

Vários estudiosos preocuparam-se em analisar a relação entre o indivíduo, o processo de socialização e a sociedade. Muitos afirmam que a sociedade tem uma influência determinante na identidade do indivíduo. Um destes estudiosos é Karl Marx que afirma que um indivíduo deve ser analisado de acordo com o contexto de suas condições e situações sociais, já que produzem sua existência em grupo. Este pensamento norteou as produções literárias naturalistas, nas quais os autores mostravam através de suas obras que o indivíduo é determinado pelo meio. Temos neste âmbito “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo, obra que analisa as relações sociais de um grupo de classe baixa que precisa sobreviver às diversidades, reunido em um ambiente sujo, pequeno e miserável. A moral sucumbe à necessidade de alimentar, sobreviver e manter o que acham ser fundamental para existência.

Outro que merece destaque é Émile Durkheim, fundador da escola francesa de Sociologia, que afirma que a sociedade sempre prevalecerá sobre o indivíduo, dispondo de certas regras, normas, costumes e leis que asseguram sua perpetuação. Independente do indivíduo é formada uma consciência coletiva que norteará o caminho pelo qual os indivíduos devem caminhar. A força da sociedade está na herança passada por intermédio da educação às gerações futuras. O problema é que aqui entra um passado no qual os homens escravizavam outros homens por estes não compactuar com a cultura do grupo que detinha o poder. Buscavam uma forma de homogeneia dominante e diferença dominada. Não se educava para o respeito às diferenças, a educação era voltada para o domínio sobre a mesma. Nesta conjectura temos o modelo educacional que influenciou Monteiro Lobato, um autor que transmite em suas obras uma herança escravocrata que o colocava indevidamente como superior aos negros.

Uma criança não nasce racista, ela é levada a ser racista. O Brasil por anos foi visto como uma pátria isenta de racismo, porém enquanto acreditava-se nisto os brasileiros eram levados de maneira velada à discriminação. Lobato foi educado a ser racista e hoje através de suas obras transmite, ou seja, influencia os processos de socialização dos novos indivíduos de maneira negativa e devastadora .

## 1.2. DINÂMICAS DO RACISMO NO BRASIL

Na história da humanidade os desdobramentos da escravização dos africanos e as repercussões contemporâneas desse evento somente começaram a ser examinados seriamente após a Segunda Guerra Mundial. A sociedade antes de tal guerra, influenciada pelas ideias naturalistas, acreditava que, segundo Fernando Pessoa, “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”, a evolução da humanidade valia mais que a valorização de um povo que tinha a pele em tom diferente. As Vanguardas Europeias, a Belle Époque, a industrialização mundial culminou uma ideia de superioridade de um grupo, que dominava dizendo ser em busca do bem comum.

Neste cenário cresce o autor em questão, Monteiro Lobato, influenciado por uma cultura dominante e crente no poder do evolucionismo. A ideia de trabalho traz em sua semântica o sentido de instrumento de tortura. Senhores e proprietários de terras precisavam de mão de obra para o trabalho que demandava sua propriedade, precisavam que alguém fizesse uso deste instrumento de tortura. Foi assim que surgiu a necessidade de ter submissos grupos sociais diferentes. A ideia de dominar veio da necessidade de ter uma vida boa sem trabalho, assim à dominação vinha como ato de sobrevivência e poder sobre os considerados mais fracos e culturalmente diferentes.

O racismo está vinculado à escravização dos africanos, à expansão do capitalismo, e, enfim, à chamada modernidade. Mas também desde seu início, na Antiguidade o racismo sempre foi uma realidade social e cultural pautada exclusivamente no fenótipo, antes de ser um fenômeno político e econômico pautado na biologia. É o fenótipo que serve de linha de demarcação entre os grupos raciais, e como ponto de referência em torno do qual se organizam as discriminações.

[...] qualquer explicação ou justificativa para diferenças, preferências, privilégios e desigualdades entre seres humanos baseada na ideia de raça pode, em princípio, ser considerada racista, posto que não há base científica que possa sustentar que o que chamamos de “raças” tenham qualquer realidade metasocial ou física. (GUIMARÃES, 1999)

Em um primeiro momento o Brasil é visto como uma pátria onde prevalecia a democracia racial. No início de 1930 a ideia que o Brasil era um paraíso racial se sobressaiu devido à comparação a outras sociedades escravistas. Não havia barreiras legais que impediam o negro à ascensão e prestígio social isto leva à falsa concepção de uma democracia racial que foi aceita pela elite, por ser considerada uma sociedade sem conflitos. Este apagamento dos conflitos fez com que eles se tornassem mais fortes e de difícil combate. Como combater algo inexistente?

Nossa história mostra que somos um país de mestiços, que somos a junção de três raças e que a relação deste passado com a ideia de harmonia racial naturalizou o Brasil como sem discriminação e paraíso para os negros.

[...] O discurso de que somos uma nação fruto do encontro de 3 raças brancas portuguesas, negros e indígenas, compõem o imaginário e identidade nacional de forma bem sólida . A representação de elementos de nossa cultura é bons exemplos que confirmam como ideia da mestiçagem é elemento marcador da identidade do brasileiro desde o início do século XX. ( SOUZA)

A ideia de mestiçagem se mostrou como forma de negação do preconceito e discriminação racial, mas foi isto que fortificou e camuflou o racismo na sociedade brasileira. Uma das consequências desta foi à ideologia do branqueamento. Após a abolição aconteceu uma pressão social pela hegemonia branca, concebendo a cultura branca uma posição superior à cultura negra. Isto vem da influência europeia da época. O racismo brasileiro começa então a ganhar forma, pois se mostra subentendido nas entrelinhas da mestiçagem.



A política do branqueamento se dá de duas formas, a primeira é relacionada à mistura das raças para que com o tempo a população fosse sendo substituída pelo fenótipo e genótipo branco, a segunda no campo da cultura e capacidade mental que segue os padrões europeus o qual tende a supervalorizar a cultura branca e inferiorizar a cultura negra, idealizando um padrão branco a ser seguido. O preconceito velado se faz presente nesta sociedade que dizem ser “paraíso racial”

Foi a adoção de uma visão equivocada da biologia humana, expressa pelo conceito de “raça” que estabeleceu uma justificativa para a subordinação permanente de outros indivíduos e povos, temporariamente sujeitos pelas armas, pela conquista, pela destituição material e cultural, ou seja, pela pobreza. A transformação da desigualdade temporária – cultural, social e política – numa desigualdade permanente, biológica, é um produto da ideologia cientificista do século XIX. No entanto, depois de a justificativa racial ter perdido legitimidade científica, a suposta inferioridade cultural – em termos materiais e espirituais – de grupos humanos em situação de subordinação passou a ser justificativa padrão do tratamento desigual. (GUIMARÃES,1999)

Fortemente influenciado por ideias evolucionistas e por sua socialização primária e secundária, Lobato traz em suas ações um preconceito velado camuflado em obras supostamente ingênuas. Supervalorizava a cultura da elite, os padrões vistos como ideais para a evolução humana. Este autor nasce e cresce rodeado de teorias e separação das culturas, portanto por este contexto se mostra preconceituoso e arrogante diante das diferenças.

... Como conceito, o preconceito racial brasileiro deve ser entendido como forma de julgamento realizada a partir da pertença racial de um sujeito ou grupo. No Brasil esta pertença é atribuída, sobretudo aos traços fenotípicos associados à negritude (...) Por sua vez a discriminação racial é uma das formas de se efetivar a desigualdade racial por meio de práticas de diferenciação hierárquica também orientada pela inferioridade racial. (SOUZA)

Assim sendo quando analisei a obra de Lobato pude perceber em seu discurso a separação dos traços fenotípicos de seus personagens. Por várias vezes Emília chama Tia Nastácia de beijuda, preta de carne podre, ingênua e de cultura popular e folclórica. Esta personagem caracteriza um povo exótico e de pouco valor para o autor, pois de conhecimento pouco valorado nada ajudava na evolução da humanidade.

Até hoje este preconceito racial permite a sofisticação e propagação da discriminação velada e “ingênua” dificultando seu combate em todos os âmbitos. O branqueamento continua vivo, a população negra atual, em sua maioria, valoriza mais os traços brancos que os negros. A revolução da chapinha e das escovas progressivas vem como fator libertador dos que foram levados a valorizar o fenotípico branco. É uma crueldade ler histórias de Monteiro Lobato para os pequenos. A personagem de Tia Nastácia é descrita por ele de maneira pejorativa, carne preta, a criança que se identifica com a mesma carne terá inserido em si o sonho de negar sua cor, o sonho de ser branco. Conheço várias crianças que aos três anos odeiam seus cachos, sua cor, o nariz... Cabe então questionar de onde vem tanto ódio, por que consideram seus cabelos como ruínas, quem embutiu este conceito nas suas mentes em tão pouco tempo de vida? Lobato não é inocente, seus professores e familiares também não.

A polidez e a aparente falta de intenção revestem as atitudes e os comportamentos discriminatórios no país e constituem uma forma de preconceito que afirma o lugar subalterno na hierarquia social, mas nega sua sustentação nessa hierarquia. A invisibilidade e sofisticação a que são submetidas às expressões desse fenômeno são um grande obstáculo para o estabelecimento de possibilidades de denúncia, resistência e enfrentamento dos sujeitos e grupos sociais frente às operacionalizações do preconceito... (SOUZA)

A população brasileira tende a negar a existência do racismo, inclusive muitos educadores que apreciam as obras de Lobato. Ao desmascarmos estas ideias da busca pela hegemonia branca, revelamos o quanto desigual e preconceituoso é o Brasil. A ideia de paraíso racial deve ser extinta para sempre e para isto estudos como este devem ser mais frequentes.

### 1. 3. MONTEIRO LOBATO, FORMADO PARA SER RACISTA?

Paulista, nascido no final do período da escravidão em 1882, neto do Visconde de Tremembé, Monteiro Lobato nasceu em uma família tradicional que mantinha hábitos de uma elite ariana. Escreveu contos, ensaios, romances e é considerado um marco na história da literatura infantil brasileira. Em suas biografias publicadas, em anexo aos seus livros distribuídos pelo MEC às escolas públicas, lê-se que o autor recebeu o nome de José Renato Monteiro Lobato, porém este o muda para José Bento Monteiro Lobato desejando usar a bengala de seu pai chamado José Bento Marcondes Lobato o qual manda gravar suas iniciais na bengala. Lobato claramente muda de nome demonstrando admiração e respeito à figura do pai.

Brincava com suas irmãs, adorava os livros do avô, alfabetizado por sua mãe, desenvolveu-se estudando em casa com um professor particular, aos sete anos entrou em um colégio. Podemos perceber com esta curta gradação de sua formação que foi fortemente influenciado pela família, pois fica muito tempo em casa, vivendo em um mundo restrito de convivência. A leitura é constante em sua infância, deveríamos fazer uma pesquisa sobre o que havia na literatura infantil da época, pois na mesma bibliografia, citada anteriormente, há a afirmação que leu tudo que havia para criança em Língua Portuguesa. Sabe-se que neste período a publicação de livros infantis era raridade. Será que suas leituras o influenciaram na criação da personagem Tia Nastácia?

Em respeito à vontade de seu avô, o visconde, entra para a faculdade de direito, porém queria cursar a Escola de Belas-Artes. Não contestou demonstrando respeito às vontades avô, algo que me deixa intrigada.

É anticonvencional por excelência, diz sempre o que pensa, agrade ou não. Defende a sua verdade com unhas e dentes, contra tudo e contra todos, quaisquer que sejam suas consequências. (MEC,1994)

Por que não seguiu a vontade de cursar Belas Artes? Parece-me que o avô era a exceção, um visconde criado em plena escravidão, dono de fazendas que dependiam de mão

de obra escrava. Os senhores raramente permitiam que os escravos estudassem. Após a Lei do Ventre livre as escolas públicas deveriam formá-los para o trabalho. Temendo o fim da escravidão os donos de terras achavam indispensável formar o “Negro” para continuar trabalhando em regime escravo. Isto aconteceu mais ou menos uns dez anos antes do nascimento de Lobato. Enfim certamente o querido e admirado avô compactuava com esta vergonha nacional, o racismo.

Se fizermos aqui uma análise psicológica e histórica da família na qual este autor foi criado poderemos identificar o pensamento que o influenciou. Há indícios que o modo como foi criado foi à causa de suas frases racistas. Porém esta é apenas uma hipótese que se investigada a fundo somada à admiração declarada à Ku Klux Klan, que veremos adiante, desenhará a resposta que queremos.

## 2. O RACISMO NAS OBRAS DE LOBATO

### 2. 1. DE HERÓI A VILÃO?

Ao ler o artigo “Monteiro Lobato em Construção” de Cilza Bignotto, doutora em Teoria e História Literária pelo IEL, fiquei perplexa com o primeiro parágrafo. Com a mente aberta pelo GDE agradeço por meu espanto. Vejam se não tenho razão,

A obra para crianças de Monteiro Lobato é considerada um marco na história da literatura infantil brasileira. O valor literário de seus livros para adultos ainda provoca polêmicas, mas a qualidade de suas histórias para crianças é indiscutível – ainda que se discutam as ideias veiculadas nelas. Reproduzir as opiniões da crítica a respeito da obra infantil lobateana seria tarefa longa e talvez desnecessária, em se tratando de livros há tanto tempo considerados canônicos. ... A quase totalidade dos escritores contemporâneos não tem dúvida em afirmar que Lobato foi a grande leitura de suas infâncias e a maior influência em seus trabalhos. A obra lobateana continua a ser estudada, e a conclusão dos teóricos é que o distanciamento crítico só leva à constatação de sua permanência. (BIGNOTTO, 1999)

Como assim desnecessária? Se algo é visto como verdade, norma, padrão, regra, não pode ser criticada? Temos que continuar reproduzindo o racismo velado sem contestar, pois tal crítica é desnecessária? Não, mesmo que o mundo o considere um dos maiores escritores do Brasil, um visionário que antecipou a riqueza que o petróleo traria à pátria, um grande entusiasta das causas nacionais, para mim suas obras são racistas e preconceituosas. Não o considero uma boa influência para meus alunos. Fico também preocupada, pois tais autores contemporâneos citados, ao afirmarem que foram influenciados por ele reafirmam a capacidade que um livro tem de nortear os pensamentos humanos. Ziraldo foi um que teve a infelicidade de fazer uma charge na qual Monteiro Lobato estava abraçado a uma mulata e o pior é que esta foi estampada em um bloco carioca chamado “Que Merda é esta?” Mas não termina aí, Ziraldo foi questionado sobre a charge e vejam sua resposta publicada na época e logo depois em citação em uma carta aberta escrita pela escritora Ana Maria Gonçalves.

Para acabar com a polêmica, coloquei o Monteiro Lobato sambando com uma mulata. Ele tem um conto sobre uma negrinha que é uma maravilha. Racismo tem ódio. Racismo sem ódio não é racismo. A ideia é acabar com essa brincadeira de achar que a gente é racista. (ZIRALDO,2011)



Figura 1 – Fonte: <http://opiniaoenoticia.com.br/brasil/politica/monteiro-lobato-ziraldo-e-o-racismo-maluquinho>

Agora o Maluquinho Ziraldo não pode mais ser visto como inofensivo. Portanto um Sítio fictício; um garoto esperto, caçador de onças, valente e destemido; uma linda menina de nariz arrebitado, meiga e muito amorosa; uma boneca feita macela que dispara a falar quando toma uma pílula; um visconde inteligente e leitor; uma velha sábia que cuida de todos, entre outros, não são mais importantes que a pobre Tia Nastácia, negra sempre maltratada pelas palavras do autor e pela boneca tagarela e interesseira.

No mesmo artigo há vários trechos que a autora Bignotto afirma que Lobato reescreveu várias vezes seus livros, algo que para nós também merece atenção, pois o autor sabia usar a ficção para mudar a realidade.

Outros, como os que hoje integram o volume Reinações de Narizinho, foram reescritos inúmeras vezes ao longo dos anos de 1920 e 1930. Nesse processo, trechos significativos foram excluídos, substituídos, modificados. A história da produção lobateana para crianças, ainda pouco estudada, é repleta de mistérios, surpresas e uma novidade que pode ser chocante (pelo menos a princípio): Lobato nem sempre foi o mestre da literatura infantil que reverenciamos hoje. Os mistérios aparecem logo no início, quando procuramos descobrir quando Lobato começou a

escrever para crianças. Edgard Cavalheiro, em sua biografia de Monteiro Lobato, conta que a ideia da primeira história infantil escrita pelo autor teria surgido em 1920, quando ele era também editor. (BIGNOTTO, 1999)

As obras não podem ser analisadas fora de seu contexto de criação, se este é um mistério, não podemos afirmar que sua criação é ingênua e não oferece risco aos nossos pequenos. Atentemos também às datas, pois há registros que nestes anos Monteiro Lobato morava em Nova Iorque como adido comercial representante do governo brasileiro e escreve ao amigo Artur Neiva uma carta datada em 10 de abril de 1928 na qual ele defende a Ku Klux Klan, eis um trecho da carta publicada na revista Bravo e reproduzida pela Carta Capital:

“Paiz de mestiços onde o branco não tem força para organizar uma Kux-Klan, é paiz perdido para altos destinos. André Siegfried resume numa phrase as duas attitudes. ‘Nós defendemos o front da raça branca – diz o Sul – e é graças a nós que os Estados Unidos não se tornaram um segundo Brazil’. Um dia se fará justiça ao Klux Klan (...) que mantem o negro no seu lugar”. (LOBATO,1928.)

Era a evidência que faltava para dar força aos militantes da causa negra. Mas por que tal carta só veio a ser publicada em 2011? Certamente aquele que a guardou e deixou que um adepto da Kux Klu Klan fosse considerado o maior e mais influente escritor infantil, é mais racista que o próprio Lobato.

No mesmo ano que Lobato escreve exaltando os ideais da Ku klux klan, ela sofria debandada em várias partes dos Estados Unidos. Os líderes da klan foram para Nova Iorque e lá realizaram neste ano vários comícios com a inteção de eleger líderes para ocupar cargos políticos de comando. Neste ano Monteiro Lobato morava na mesma cidade, nos Estados Unidos e mesmo sabendo das verdadeiras intenções da organização ele escolhe o lado da klan e escreve ao amigo afirmando que falta ao Brasil uma grupo como este.

A Ku Klux Klan é uma organização declaradamente racista, que nasceu durante a Guerra Civil e seu objetivo era restaurar a ordem e recolocar o negro na posição de escravo. Andavam montados em cavalos e vestiam roupas brancas com capuzes. Atacavam negros que foram libertos e brancos que os acobertavam, principalmente professores que ensinavam os

ensinavam. Eles temiam que se os negros recebessem estudo ficariam mais complicado os recolocar na posição de escravos. Esta entidade degolava, queimava, violentava de toda a forma a raça negra. No início do século XX, a entidade volta a cena com toda a força, porem desta vez pregando também a moral e se julgavam seus defensores. Caçavam inúmeras pessoas que não atendiam os padrões aceitos por eles e gravavam em suas testas a sigla KKK, que aumentava ainda mais o preconceito. Iniciou-se no sul dos estados no século XIX, espalhou por todos os estados, enfraqueceu em meados do século XX, mas como podemos perceber não tinha adeptos só na América do Norte, até hoje nos espantamos quando aparece alguma notícia relacionada ao grupo. Nosso grande escritor infantil era adepto, quem sabe membro, de tão horrenda seita.

Ainda no artigo de Bgnotto podemos perceber que pouco tempo antes desta carta ser escrita uma crítica fez com que nosso autor em estudo mudasse seu discurso para não ser enxovalhado em vida

As opiniões do público leitor, por sinal, podem ter contribuído para que alguns trechos da primeira edição da história fossem suprimidos. No artigo “A propósito de um livro, publicado provavelmente em 1924, Manoel E. Altenfender Silva comemora o fato de Lobato ter “expurgado de todas as frases, de todas as gravuras, de tudo, enfim, que reputamos ofensivo à Religião e à candura infantis”. Silva comenta que, em 12 de março de 1921, publicara crítica ao livro *A menina do narizinho arrebitado*, denunciando que “(...) nas páginas de seu novo livro, o fecundo escritor ridiculariza padres e freiras, e o que é mais grave, blasfema horripelantemente contra o Santíssimo Sacramento, ignorando talvez que atacar a Divina Eucaristia é tocar nas fibras mais sensíveis dos corações católicos. Não encontrará o autor outra maneira de se tornar interessante e original às crianças? Ou estará s. senhoria injuriando a Religião irrefletidamente, sem malícia? (...) Se o sr. Monteiro Lobato quiser dar uma prova aos seus compatriotas de que não quis melindrar os seus sentimentos católicos, substitua, em futuras edições, as páginas em questão, por outras mais dignas de sua brilhante pena (...)”.(BIGNOTTO, 1999)

Três anos depois afirma a doutora que o mesmo crítico publica nova análise e agradece ao autor por fazer as modificações necessárias, mas lamentou-se que ainda não as tivesse feito em uma versão escolar. A adequação da obra às exigências do crítico não certifica que este não usou uma forma de camuflar sua verdadeira intenção e nem fez com que



o autor deixasse de pensar de tal forma. Lobato como um lagarto vai se adequando para ser aceito, se hoje estivesse vivo já teria reformulado muitas partes de seus livros. Em trechos como “- É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém – nem Tia Nastácia, que tem a carne preta”, dito pela boneca Emília na obra *Caçadas de Pedrinho*, imagino que reescreveria assim: “- É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém – nem Tia Nastácia.”, mas é claro nesta página teria uma ilustração com todos assustados e em primeiro plano viria Tia Nastácia pintada de preto ou marrom bem forte, boca e nariz bem grandes como em uma charge. Nosso autor não mudaria seus conceitos apenas se adaptaria para vender livros.

Discutir A representação do negro na obra de Monteiro Lobato, além de contribuir para um conhecimento maior deste grande escritor brasileiro, pode renovar os olhares com que se olham os sempre delicados laços que enlaçam literatura e sociedade, história e literatura, literatura e política e similares binômios que tentam dar conta do que, na página literária, fica entre seu aquém e seu além. (LAJOLO, 1998)

A Literatura é uma ciência que estuda a escrita em suas representações artísticas, ao analisarmos as obras lobatianas dentro de um contexto histórico podemos perceber o quanto esta é ambígua e complexa. Não se pode negar a qualidade em sua escrita, domina com maestria este dom, porém o que não pode acontecer é acreditar que por sua habilidade e qualidades, podemos esconder que as usou para transmitir uma ideia inaceitável. Por mais que este em muitos momentos em vida mudou-a para que fosse aceita, a escrita é uma impressão digital do homem que a produziu. A leitura reproduz no homem que lê a ideia do homem que escreve.

## 2. 2. HISTÓRIAS DE TIA NASTÁCIA, FICÇÃO QUE REFLETE A REALIDADE.

Publicada em 1937, *Histórias de Tia Nastácia* é uma antologia de contos populares. Neste livro Tia Nastácia conta aos membros do sítio histórias popularmente conhecidas, porem coloca em sua narração um temperinho da cultura que carrega em suas entranhas. No

início da obra a cozinheira é ouvida com atenção por aqueles que vieram de uma cultura distinta. Lobato mostra que os negros podem falar, que não são os brancos que os impedem de atuar, estes não tem culpa se os negros não sabem agir como o autor. A audição das histórias vai ficando tensa a medida que Tia Nastácia vai mudando detalhes e adaptando as histórias com elementos conhecidos por ela. A plateia não aceita pois acha que deve mantê-las como nos livros.

Os meninos do sítio buscam o significado de folclore e Dona Benta diz ser histórias passadas oralmente entre o povo. Quando Pedrinho pensa logo na Tia Nastácia ele demonstra reconhecer o lugar dela, o povo, uma abstração que o distancia deste mundo.

— Uma ideia que eu tive. Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando, de um para outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela.

— Não está má a idéia, não, Pedrinho! Às vezes a gente tem uma coisa muito interessante em casa e nem percebe.

— As negras velhas — disse Pedrinho — são sempre muito sabidas. Mamãe conta de uma que era um verdadeiro dicionário de histórias folclóricas, uma de nome Esméria, que foi escrava de meu avô. Todas as noites ela sentava-se na varanda e desfiava histórias e mais histórias. Quem sabe se tia Nastácia não é uma segunda tia Esméria? (LOBATO, 1995)

A personagem negra do sítio inicia sua história, mas logo é interrompida por Emília. A boneca é a voz que expressa às ideias mais racistas do livro. O fato de Tia Nastácia ter alcançado a chance de ser ouvida por todos não lhe garantiu respeito às suas origens.

Emília torceu o nariz.

— Essas histórias folclóricas são bastante bobas — disse ela. — Por isso é que não sou "democrática!" Acho o povo muito idiota...

— Nossa Senhora! — exclamou dona Benta. — Vejam só como anda importante a nossa Emilinha. Fala que nem um doutor.

— A culpa é sua — disse Emília. — A culpa é de quem nos anda ensinando tantas ciências e artes. Eu, por exemplo, me sinto adiantada demais para a minha idade. Sou uma isca por fora, mas lá dentro já estou filósofa. Meu gosto era encontrar um Sócrates, para uma conversa...

— Eu também acho muito ingênua essa história de rei e princesa e botas encantadas — disse Narizinho. — Depois que li o Peter Pan, fiquei exigente. Estou de acordo com Emília.

— Pois eu gostei da história — disse Pedrinho — porque me dá idéia da mentalidade do nosso povo. A gente deve conhecer essas histórias como um estudo da mentalidade do povo. (LOBATO, 1995)

Na fala de Dona Benta podemos perceber a distância existente entre os dois mundos, Nastácia é considerada povo, um grupo discriminado pelos doutores. Consideremos os discriminados como negros e não filósofos, pois o pensamento mais valioso para o público do sítio é o que vem dos livros, consecutivamente da cultura branca. Quando uma criança se depara com este trecho do livro certamente achará o pensamento folclórico do povo como inferior. Isto não é verdade, pois o conhecimento é adquirido em qualquer lugar, com qualquer pessoa, independente de sua raça, credo ou cultura.

— Esta história — disse ela — ainda está mais boba que a outra. Tudo sem pé, nem cabeça. Sabe o que me parece? Parece uma história que era dum jeito e foi se alterando de um contador para outro, cada vez mais atrapalhada, isto é, foi perdendo pelo caminho o pé e a cabeça.

— Você tem razão, Emília — disse dona Benta. — As histórias que andam na boca do povo não são como as escritas. As histórias escritas conservam-se sempre as mesmas, porque a escrita fixa a maneira pela qual o autor a compôs. Mas as histórias que correm na boca do povo vão se adulterando com o tempo. Cada pessoa que conta muda uma coisa ou outra, e por fim elas ficam muito diferentes do que eram no começo.

— Quem conta um conto aumenta um ponto — lembrou Pedrinho.

— Sim, aumenta um ponto e introduz qualquer modificação. Ninguém que ouça uma história é capaz de contá-la para diante sem alteração de alguma coisa, de modo que no fim a história aparece horrivelmente modificada. Todas as histórias do folclore são assim. Há sábios que pegam nessas histórias e as estudam, e vão indo até encontrarem o seu ponto de partida. E mostram as mudanças que o povo fez.

— Mudanças que as deixam sem pé nem cabeça — insistiu Emília. — Essa do Sargento Verde, por exemplo. É tão idiota que um sábio que quiser estuda-la

acabará também idiota. Eu, francamente, passo essas tais histórias. (LOBATO, 1995)

Lobato coloca em constante confronto as duas culturas, a negra que tem por porta voz Tia Nastácia e o mundo da modernidade branca que dá voz às crianças e a própria Dona Benta. Faz questão de separar os dois mundos, e ressaltar a alfabetização dos brancos e a falta de cultura escrita dos negros. Recordo-me de um texto no qual Nilma Lino Gomes (2012) que conta sobre uma peça teatral que tem por tema as tensas relações étnico-raciais que acompanham à formação social e cultural brasileira. Tal peça intitulada “Besouro Cordão-de-ouro” ilustra no texto de Nilma a relação entre as artes e as tensas relações étnico-raciais. O espetáculo leva o povo a refletir sobre a história das lutas população negra no Brasil, discutindo assim um assunto que vem preferencialmente sendo esquecido pelos educadores. Da mesma forma o livro de Lobato usa a arte para fazer um debate controverso destas relações. A temática do livro tende a desvalorizar a cultura negra e exaltar a cultura branca, aumentando o abismo ideológico imposto entre elas. Se hoje uma peça nos faz refletir sobre uma condição injusta e discriminatória, o livro leva o leitor a se posicionar a favor ou contra a cultura negra, porém é nítida as desvantagens, pois ao engrandecer a cultura branca o autor sugere qual lado devemos nos posicionar.

— Que história de contar sete é essa? — perguntou Emília quando a negra chegou ao fim. — Não estou entendendo nada.

— Mas isto não é para entender, Emília — respondeu a negra. — É da história. Foi assim que minha mãe Tiaga me contou o caso da princesa ladrona, que eu passo para diante do jeito que recebi.

— E esta! — exclamou Emília olhando para dona Benta. — As tais histórias populares andam tão atrapalhadas que as contadeiras contam até o que não entendem. Esses versinhos do fim são a maior bobagem que ainda vi. Ah, meu Deus do céu! Viva Andersen! Viva Carroll!

— Sim — disse dona Benta. — Nós não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo... Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulteradas ainda.

— Outra coisa que noto nessas histórias, vovó — observou Narizinho — é que não dispensam reis e rainhas e príncipes e princesas encantadas. Por que é assim?

— Essas histórias, minha filha, vieram de Portugal, e são dum tempo em que em todos os países do mundo só havia reis. Isso de presidentes de república é coisa moderna. São histórias dos tempos dos reis. E para a imaginação do povo os reis, as rainhas e os príncipes eram a coisa mais maravilhosa que havia. Hoje tudo está mudado. Cada vez há menos reis, a não ser nos baralhos. E já não há aquele "cão", que quando via um rosário rebentava num grande estouro e fedia enxofre. O povo é muito conservador, de modo que as histórias que de pais a filhos a gente do povo conta são corocas, vêm do tempo da Idade Média, quando não existiam jornais nem livros.

— Pois cá comigo — disse Emília — só aturo essas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras — coisa mesmo de negra beijuda, como tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto...(LOBATO, 1995)

Nesta página, na fala de Dona Benta, vê-se a comparação da cultura do povo, negra, à idade Média. A personagem desmerece a presença de reis e rainhas nas histórias, comparando-as à modernidade de presidentes da república. Enfatiza também a ausência de alfabetização na idade média, e retrocede a figura de Tia Nastácia ao medievalismo. Desmerece o papel do negro na sociedade que busca a modernidade, pois subentende em suas palavras a incompetência do negro diante de mudanças necessárias para a evolução. Dona Benta é uma velha sábia, Narizinho uma linda e educada menina e Emília uma boneca, uma ilusão, que ganha vida. Personagens encantadores para qualquer criança. Tia Nastácia é caracterizada em sua ignorância e inutilidade social. Qual personagem encantará mais uma criança? A ficção ajuda a moldar a personalidade na infância, ela é o princípio de uma educação de qualidade. Estas páginas do livro de Lobato citadas até agora são boas para a formação de um ser consciente e desprovido de preconceitos raciais? Em um país que se diz ser o paraíso da igualdade entre as raças, ao ler estas páginas até os membros da cultura negra se desvalorizará diante da hierarquia que prega Monteiro Lobato.

Os insultos à figura de Tia Nastácia não seções, ainda estou analisando a vigésima quarta página do livro Histórias de Tia Nastácia, a cada linha, a cada palavra, não consigo deixar de me colocar no lugar de uma criança negra lendo-as. Se fossemos a negra Nastácia imagine o quão pequena estaríamos nos sentindo? Será que os educadores que incentivam a

leitura destas obras têm consciência da propagação desta vergonha nacional? Naturalizar este autor como um fenômeno literário ímpar, sem defeitos é naturalizar o racismo no Brasil.

— Também acho — disse Emília. — Essa princesa que se casa com um negro velho, o pássaro preto que leva o menino no bico, aqueles quartos cheios, de cavalos um, de arreios outro, de moças brancas outro, de mulatinhas outro — e os últimos com os tais rios de prata e ouro, tudo isso não tem o menor propósito. E o castigo que o pássaro preto inventou? Então dar uma vara mágica a uma pessoa é castigar? Quem me dera ser castigada assim! Tudo bobagens de negra velha. Nessa história vejo uma feira de negras velhas, cada qual mais boba que a outra — que vão passando a história para diante, cada vez mais atrapalhada.

— E os tais pássaros de pluma? — disse Narizinho. — Que é que entende você por pássaros de pluma, Nastácia?

— Não sei, menina — respondeu a preta. — A história eu ouvi assim e por isso conto assim. Pássaro de pluma é pássaro de pena, parece.

— E já viu pássaro que não seja de pena, sua tola? — disse Emília. — Oque vale é que você mesma confessa não ter culpa das idiotices da história, senão eu cortava um pedaço desse beijo...

— Emília, respeite os mais velhos! — ralhou dona Benta.

— A senhora me perdoe — disse a pestinha— mas, cá para mim, isso de respeito nada tem com a idade. Eu respeito uma abelha de um mês de idade que me diga coisinhas sensatas— mas. se Matusalém vier para cima de mim com bobagens, pensa que não boto fogo na barba dele? Ora, se boto!... (LOBATO, 1995)

Até mesmo um conceito de uma boa educação que é o respeito aos mais velhos merece ser contestado quando se trata de respeito à cultura popular, à cultura do negro. Como uma boneca pode ser tão preconceituosa e mal educada e ainda ser a personagem principal de uma obra para crianças? A falta de malícia e a cegueira proposital dos educadores leva este ser bizarro, desprovidos de bondade, para ser colorido e exaltado nas salas de aula. Nas pecinhas de escola, em comemoração ao dia nacional do livro infantil, qual menina nunca quis ser Emília? Qual nunca chorou para não fazer Tia Nastácia? No dia dezoito de abril comemora-se no Brasil o dia do livro infantil, esta data é em homenagem ao nascimento de

Monteiro Lobato, o povo brasileiro o homenageia todos os anos, por ser o maior escritor infantil do Brasil, será que realmente deve ser tratado como um ídolo das crianças

— É o que eu digo — ajuntou Emília. — O povo, coitado, não tem delicadeza, não tem finuras, não tem arte. É grosseiro, tosco em tudo que faz. Este livro vai ser só das histórias populares do Brasil, mas depois havemos de fazer um só de histórias compostas por artistas, das lindas, cheias de poesia e mimos — como aquela do Príncipe Feliz, do tal Oscar Wilde, que dona Benta nos leu. Aquilo sim. Até deixa a gente leve, leve, de tanta finura de beleza! (LOBATO, 1995)

O autor na voz de Emília desqualifica a cultura brasileira em contraposição à cultura europeia. O povo deve ser encarado como os negros, mestiços e oprimidos, se assim encarmos durante a leitura este autor perde o encanto, a nobreza e a majestade da literatura infantil. Na mesma obra ele afirma que a leitura muda as pessoas, que cria personalidades e molda o caráter dos leitores.

— Pois gostei! — gritou Emília. — Está aí uma historinha que descansa a gente daquelas repetições das outras. E mais que tudo gostei da camaradagem entre o santo e o diabo.

— Sim — disse dona Benta. — Como os dois vivessem na mesma capela, sozinhos, acabaram em muito bons termos, como se vê na história. O diabo é o símbolo da maldade, mas até a maldade amansa quando em companhia da bondade. De viverem juntos ali na capelinha, o santo e o diabo se transformaram em amigos, e os bons sentimentos de um passaram para o outro.

— Influência do meio! — gritou Pedrinho, que andava a ler Darwin.

Narizinho confessou que gostava muito das histórias com o diabo dentro, e disse que todas elas confirmavam o dito popular de que o diabo não é tão feio como o pintam.

— Credo! — exclamou tia Nastácia fazendo três benzeduras. — Como é que uma menina de boa educação tem coragem de dizer isso do canhoto?

Narizinho arregalou os olhos. — Como? É boa! Pois você mesma não acaba de contar a história dum diabo bom?

— Mas isso é história, menina. História é mentira. O "cão" é "cão". Não muda de ruindade.

— Se o cão é cão, viva o diabo! — gritou Emília. — Não há animal melhor, nem mais nobre que o cão. Chamar ao diabo cão, é fazer-lhe o maior elogio possível.

— Dona Benta — exclamou tia Nastácia horrorizada — tranque a boca dessas crianças. Estão ficando os maiores hereges deste mundo. Chegam até a defender o canhoto, credo!...

— Olhe, Nastácia, se você conta mais três histórias de diabo como essa, até eu sou capaz de dar um viva ao canhoto — respondeu dona Benta. Tia Nastácia botou as mãos e pôs-se a rezar. (LOBATO, 1995)

Quando Dona Benta afirma que até ela aplaudirá o Diabo se ela contar mais uma história que o defenda. Quando cita Darwin na fala de Pedrinho, mostra-nos conhecimento dos estudos que comprovam que o meio muda o ser, este conhecimento cientificista analisa o homem pelo meio que vive, portanto reafirma a ideia que não há no Brasil lugar para quem não quer se modernizar, pois a pátria e a elite branca quer modernidade e o negro é um obstáculo a ser sobreposto pela evolução. Negro e modernidade não são sinônimos na visão de Lobato.

... As histórias que correm entre o nosso povo são reflexos da era mais barbaresca da Europa. Os colonizadores portugueses trouxeram essas histórias e soltaram-nas por aqui — e o povo as vai repetindo, sobretudo na roça. A mentalidade da nossa gente roceira está ainda muito próxima da dos primeiros colonizadores.

— Por que, vovó?

— Por causa do analfabetismo. Como não sabem ler, só entra na cabeça dos homens do povo o que os outros contam — e os outros só contam o que ouviram. A coisa vem assim num rosário de pais. a filhos. Só quem sabe ler, e lê os bons livros, é que se põe de acordo com os progressos que as ciências trouxeram ao mundo. (LOBATO, 1995)

O autor valoriza muito a cultura dos letrados e separa a população entre sábios, os que lê, e idiotas, os analfabetos. No caso não perde a oportunidade de reafirmar o



analfabetismo do negro no Brasil. Leva os leitores a terem pena dos mesmos, ou até os considerarem estúpidos e idiotas, nunca o leitor terá honra nas, palavras do autor, de ter o negro como ancestral, pois justifica para o leitor que este deve ser tratado como desigual mesmo por que ainda vive na Idade Média.

Dona Benta explicou: — A gente vê aí o dedo das contadeiras de histórias. São em geral donas de casa, ou amas, ou cozinheiras, criaturas para as quais as formigas não passam dumas gatuninhas, porque vivem invadindo as prateleiras e guarda-comidas para furtar açúcar. Se fosse escrita por um filósofo, a história não teria esse fim, porque os filósofos nem sabem que há guarda-comidas no mundo. Só enxergam o céu, as estrelas, as leis naturais, etc. Mas as tias Nastácias sabem muito bem das formiguinhas que furtam açúcar.

— E é mesmo, sinhá — confirmou a preta. — Outro dia esqueci de tampar a terrina de doce de laranja, e quando foi de manhã estava pretinha de formigas. As bobas se deixam grudar na calda e morrem afogadas. Bem feito! Quem manda serem gatuninhas? (LOBATO, 1995)

Neste trecho Lobato usa a voz de Dona Benta para posicionar os negros na modernidade do país. Mostra que o lugar das negras é na cozinha, fazendo trabalho braçal, pois aqueles que pensam não encontram ali a filosofia ideal para explicar o andamento da vida. Para o autor cultura popular é folclórica e um atraso para humanidade, esta deve ater-se à cozinha e aos trabalhos que exijam pouco do indivíduo. Na escola ouvi muitos conselhos que sempre terminava em uma pergunta: “Você quer acabar com o umbigo colado ao fogão?” ou “ Quem não estuda termina no cabo da enxada.” Trabalho não desmerece ninguém, se o lugar dos negros é em trabalhos inferiores, há aqui mais uma ambiguidade pois para Lobato ele desmerece sim as pessoas. Para os professores que repetem frases como estas, estes não ajudam em nada na formação de cidadãos desprovidos de preconceito. O trabalho dignifica o homem, já dizia outro ditado, mas eu o completo dizendo que homem digno é aquele que trabalha, independente de qual seja ele. Mais uma forma de discriminação, tentar criar lugares específicos para cada raça.

— Gostei, gostei! — exclamou Emília. — Não tem nada de boba essa historinha. É uma luta de esperteza contra esperteza, em que o mais esperto saiu ganhando. Pedrinho sabe o que isto significa em linguagem científica. Diga lá, Pedrinho.

E o menino, que era um darwinista levado da breca, veio logo com a sua cienciazinha.

— Isso significa a vitória do mais apto. O mais apto é o mais esperto. (LOBATO, 1995)

A lei da seleção natural de Darwin, para Lobato a raça mais forte deveria vencer, e sempre reafirmava em suas obras o posicionamento de cada uma, tenta em suas palavras mostrar quem estava vencendo, quem estava a frente na corrida da evolução. Atenuar este distanciamento é um preconceito mesclado a boa vontade de evoluir e fazer o Brasil progredir. Usar as palavras para aumentar o preconceito é mais cruel que dar uma chicotada num negro. A dor da chicotada passa, mas uma obra como esta permanece e propaga as chicotadas na autoestima dos negros.

— E eu — disse Pedrinho — fiquei com vontade de comer mandioca cozida, da bem enxutinha, com melado de rapadura. Upa! É uma coisa da gente lamber os beiços

— Beiço é de boi — protestou Emília. — Gente tem lábios. (LOBATO, 1995)

Observe como a obra deixa fios soltos, os quais se desenrolados chega-se à ideia preconceituosa e ao racismo de Lobato. Emília afirma nesta parte que quem tem beiço é animal e que gente tem lábios. Um pouco antes ela já havia chamado Tia Nastácia de beiçuda, esta é uma forma de racismo e de separação das raças, a desumanização do outro reafirma a ideia que desigual os homens, um é considerado humano o outro animal. Isto acontece para que haja não só uma separação de culturas e formação, mais também um a separação biológica, para ressaltar o medievalismo da raça negra.

— Pois cá comigo — disse Emília — só aturo essas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não

têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras — coisa mesmo de negra **beijuda**, como tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto... (LOBATO, 1995)

Emília demonstra mais respeito a um animal, do que a Tia Nastácia.

— Ué! — exclamou tia Nastácia. — Pois para que serve carneiro senão para ser comido? Deus fez os bichos cada um para uma coisa. A sina dos carneiros é a panela.

Emília danou. — Bem se vê que é preta e beijuda! Não tem a menor filosofia, esta diaba. Sina é o seu nariz, sabe? Todos os viventes têm o mesmo direito à vida, e para mim matar um carneirinho é crime ainda maior do que matar um homem. Facínora!...

— Emília, Emíliã — ralhó dona Benta. A boneca botou-lhe a língua. (LOBATO, 1995)

Quando Emília defende o carneirinho, que é um animalzinho adoradó pelas crianças, ela coloca Tia Nastácia como vilã. Claro que as crianças sentirão raiva da cozinheira neste momento. Elas compactuarão com as ideias de Emília ao comparar Tia Nastácia a uma diaba e ao chama-la de preta e beijuda consecutivamente ser preta implicará em ter beijos e ser diaba, portanto inferiorizará a raça e na cabeça dos pequenos todos de pele preta e com lábios vantajosos serão vistos como animais e diabos.

— Mas tradução bem malfeitinha — disse Emília. — Tudo na história é daqui do Brasil, até o macaco e as bananas — com certeza banana-ouro, que é -a melhor — mas esse rei, que aparece sem mais nem menos, está idiota. Não há reis por aqui. Em todo caso serve. Que se há de esperar da nossa pobre gente roceira?

— E a tal resposta do macaco ao rei: "Foi o doutor Botelho, amigo do macaco da bota do jabotelho?" Que significa isso? Que bota é essa?

— Não significa coisa nenhuma — disse dona Benta. — Bobagem. O tal jabotelho, que não é nada, está ali apenas para rimar com Botelho.

— E a bota?

— Essa bota foi o único restinho que ficou das botas do Gato de Botas

— Coitadinho do povo! — exclamou Emília. — Tão ingênuo... (LOBATO, 1995)

Eu não quero em nenhum momento ser chamado de povo depois de ler este livro, pobre, ingênuo, sem cultura, analfabeto, animal e o que mais esperar deste povo que surgiu da miscigenação de três raças? É o que o autor espera que indagemos a cada palavra, a cada reflexão, pois mudar os rumos da cultura popular para ele é o primeiro passo para a evolução que a modernidade necessita. Ainda estou buscando nas obras do autor a ingenuidade das histórias para crianças. Até este momento vejo nas palavras de Lobato a maldade de um racista, preconceituoso e soberbo.

O livro leva o leitor a posicionar-se e raramente este tomará partido de Tia Nastácia, esta é a inadequação vigente entre a história e o público ouvinte. A postura dos membros do sítio é uma das expressões que assume o racismo na cultura brasileira. Os ouvintes estabelecem a diferença entre o mundo letrado e moderno, o dos brancos, e o mundo marginalizado pela ignorância e falta de cultura, os negros. Valorizam a modernidade e marginalizam a cultura miscigenada e popular.

A intolerância caça a palavra de Tia Nastácia, que prefere voltar para cozinha para fazer a janta, pois esta sabe seu lugar. A palavra é entregue a Dona Benta que não é usuária da cultura popular e folclórica, mas a conhece de livros e estudos que são aceitos pela sociedade. Dona Benta conta as histórias de um anglo diferente e atribui a estas os conceitos respeitados pela elite alfabetizada. Mas uma vez a cultura negra é vista como exótica e momentânea, não há a valorização das raízes africanas, há uma seção de lamentações por trazer para o Brasil a ingenuidade e ignorância dos africanos que foram escravizados.

— Esta história se parece, com as nossas daqui — disse Narizinho. — Bem bobinha.

— Sim, mas que havemos de esperar dos pobres negros do Congo? Sabem onde é o Congo?

— Sei — disse Pedrinho. — É quase no centro da África, do lado daquela costa que o senhor Pedro Álvares Cabral evitou de medo das calmarias. Há o Congo Belga e o Congo Francês. E sei também que cá para o Brasil vieram muitos escravos desses Congos.

— É verdade. O pobre Gongo foi uma das zonas que forneceram mais escravos para a América, de modo que muitas histórias dos nossos negros hão de ter as raízes lá. — Quem sabe se tia Nastácia é do Congo? — lembrou Narzinho. (LOBATO, 1995)

Se o lugar de Tia Nastácia era na cozinha e não se havia lugar para ela na formação da cultura dos meninos do sítio, qual seria o lugar dela na formação da cultura brasileira? Qual é o lugar dos negros no Brasil? Até hoje muitos ainda estão a procura de seu lugar. As lutas mostram que não alcançaram o lugar de respeito que merecem. São visto ainda como Emília vê Tia Nastácia. Tratar esta obra como boa para criança é de extremo mal gosto por atenua a diferença entre negros e brancos.

A cultura popular, segundo Marisa Lajolo, vem dos escravos, negros libertos e muitas Tias Nastácias e Tios Barnabés que não tiveram a carteira de trabalho assinada. A figura da negra Nastácia representa a humilhação que a raça sofreu nesta terra de mestiços. A hipocrisia não valoriza as raízes africanas na formação do nosso povo e aqueles que carregam na pele a herança desta, sofre com a negativa e afrontas da elite ariana.

## 2. 3. SUA OBRA É SUA VERDADEIRA IDENTIDADE.

Muitas obras de Lobato carrega seu caráter racista e preconceituoso. Quando falamos de racismo no Brasil temos que ter em mente como este se desenvolve em nossa cultura. A falsa ideia de “Democracia Racial” foi embutida na mentalidade de seu povo. Quando afirmo a uma educadora que os livros de Monteiro Lobato devem ser vistos com cautela e de maneira crítica, esta duvida de minhas ideias, pois em sua mente há concretizada a certeza que racismo é algo violento e extinto no Brasil, que Lobato é uma grande autor, que eu não sou ninguém para criticá-lo e que se há alguma palavra mal empregada que esta deve ser vista como fruto de um tempo onde ser racista era normal. Porém o modelo que o racismo

segue no Brasil é diferente de todo o mundo, aqui tudo é visto com naturalidade, se não há violência explícita não é racismo, palavras mal empregadas são vistas como brincadeira. Negar, calar, ridicularizar ou diminuir o problema não são atitudes aceitáveis no combate a esta vergonha. Quando digo que Lobato é racista, não o digo em apenas uma obra, sua obra por completa mostra sua identidade monstruosa. Quase 130 anos após a abolição não podemos continuar enaltecendo este autor. Não se muda um caráter da noite para o dia então abramos os olhos para ver o verdadeiro caráter de Lobato, um autor que exalta a Klan e produz obras que ridiculariza as culturas populares e os negros, este não pode ser ídolo da literatura infantil brasileira.

Em 1926, Lobato publica *O Presidente Negro*, nesta obra futurista ele conta como os estadunidenses elegem o primeiro presidente negro e como a elite ariana planeja uma forma para levar a cabo todos os negros do país, extinguindo a raça negra e criando uma supercivilização branca. Se hoje estivesse vivo diria a ele que não precisou chegar ao ano de 2228 para que um presidente negro fosse eleito nos Estados Unidos. Que é considerados um dos melhores e que a política de segregação racial não se fundamenta em grande parte do país. Este livro tinha na época o objetivo de atingir o público norte-americano, foi considerado um fiasco literário, ainda bem.

Em *O Presidente Negro* Lobato afirma que a miscigenação estragou a raça ariana deixando seu caráter mais exposto à crítica e que o negro perdeu sua admirável selvageria, ficando mais fraco e preguiçoso. Quando falamos de um autor claramente racista em suas obras adultas, devemos indagar se este mudou de convicções quando escreve para crianças. Acredito que seja impossível tal mudança, falamos do mesmo caráter sujo e impróprio para aquele que defende a diversidade e o respeito a ela. As educadoras mulatas devem saber que neste livro ele chamou as mulatas de baratas descascadas. Claro que não são apenas as educadoras mulatas, somos todos nós que devemos saber de suas palavras ofensivas e opressoras. Disse as educadoras, pois acreditem ou não, uma colega mulata o defendeu com unhas e dentes em uma de nossas conversas sobre meu tema, afirmou que quando criança fez o papel de Tia Nastácia com orgulho, pois esta era sua origem. Fiquei com medo quando ouvi isto. A naturalização do racismo está tão enraizada que nos dá a certeza que o trabalho ainda é longo e duro.

Monteiro Lobato é declaradamente defensor da eugenia, um conjunto de ideias e práticas que busca o melhoramento da raça humana, este movimento ganha força no início do

século XX e norteia toda campanha nazista de Hitler na Alemanha. Nesta busca da raça perfeita não é aceitável a mistura de raças, portanto a miscigenação brasileira é que enfraquecia e era a razão para o país não evoluir. A infelicidade nacional é atribuída à presença de várias raças no território nacional. O Autor é adepto a uma política de embranquecimento da população, e esterilização da raça negra. A marginalização dos miscigenados é aparente nas linhas de Lobato.

A lei que rege sua moral e ética não é as leis do estado, da justiça, da Constituição. Sua lei é a regida pela supremacia ariana. Podemos confiar a este autor a leitura dos nossos pequenos? Em suas obras ele defende a intolerância, o preconceito, a desigualdade de direitos, as soluções fora da lei para alcançar o que se deseja. Em uma matéria publicada no Geledés em dezembro de 2015, Literatura e racismo: uma análise sobre Monteiro Lobato e sua obra, há a seguinte afirmação:

É de Montaigne a seguinte sentença: “ Eu não fiz o livro mais do que meu livro me fez, livro da mesma substância que o seu autor, com objetivo próprio, membro de minha vida; não de objetivos e propósitos terceiros e estranhos, como todos os demais livros.(2015)

O autor a cada dia aumenta nossa certeza que ele quis usar a literatura para disseminar indiretamente suas ideias eugênicas, formar opinião e propagar o racismo no Brasil. Na mesma matéria citada acima há uma referência a Pietra Diwan, historiadora que em sua obra estudou a eugenia no Brasil, cita uma carta na qual Lobato afirma: “É um processo indireto de fazer eugenia, e os processos indiretos no Brasil, work muito mais eficientes”. Busquei livros da autora e me deparei com uma obra, Raça Pura: uma história da Eugenia no Brasil e no mundo, que certamente acrescenta muitas certezas a este trabalho. A história não aplaude Renato Kehl, médico que buscou provar que a solução dos problemas era a busca de um super-homem, uma super raça que seria o ideal de pureza racial. Lobato escreve várias vezes a Kehl, maior expoente da eugenia no Brasil, enaltecendo a causa eugênica de suas ideias.

Em Urupês, Lobato reafirma a inutilidade do homem da roça miscigenado. Cria a figura do Jeca Tatu, e todos aplaudem achando que é sua melhor obra e o personagem mais

emblemático. O Jeca, é a escória da raça humana, traz a preguiça em suas entranhas é um ser desprovido de cultura e inteligência. Aplausos a Lobato, criou o primeiro personagem cômico por sua condição social. As comédias hoje são pautadas nas desgraças dos outros, a humanidade aprendeu a rir das desgraças, então enquanto pensamos que é só uma brincadeira, o autor consegue disseminar suas ideias preconceituosas e de desvalorização da cultura popular. Indiretamente está minando a autovalorização dos negros.

Hoje está em evidência a obra “Caçadas de Pedrinho”, obra que foi distribuída as escolas públicas, porem teve o pedido de uma liminar que impedisse sua distribuição por conter conteúdos racistas. O pedido foi negado e esta está nas escolas usadas para incentivar a leitura dos pequenos. Neste livro, Lobato( 1957) sugere usando a voz de Emília que Tia Nastácia tem a carne preta e podre. Porém esta obra possui um racismo bem discreto em comparação as vistas anteriormente. Em Reinações de Narizinho também há trechos de discriminação à cultura de tia Nastácia. Enfim em toda obra de Lobato encontra-se alusões e menções à desigualdade das raças. Esta pode continuar fazendo parte de bibliotecas de escolas, sendo usadas por educadores que não tem noção de seu conteúdo e muito menos de como usá-lo. Falta não só a criação de uma lei que o considere prejudicial às crianças, falta uma formação mais ampla e qualificada no que diz respeito às diversidades aos educadores da nação, pois este Juiz que negou tal liminar deve considerar Lobato um ser inofensivo. Se hoje eu escrevesse metade das barbáries que ele escreveu, seria presa e condenada por racismo. Devemos tirá-lo a máscara de bom moço e grande escritor da literatura infantil. Seu heroísmo é uma mentira pregada por racistas da elite brasileira.



### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação ocupa um lugar importante na propagação do racismo no Brasil. Rever os padrões adotados por modelos educacionais é o princípio de modificação e erradicação do racismo nos dias de hoje. Segundo a professora Ana Célia da Silva(2005) , em seu trabalho sobre a desconstrução da discriminação no livro didático é preciso “conhecer para entender, respeitar e integrar , aceitando as contribuições das diversas culturas”, para fazer da sala de aula uma arma a favor da diversidade.

Nos livros didáticos a figura de culturas inferiorizadas sempre é representada em livros didáticos e obras literárias desprovidas de humanidade e cidadania. Os homens brancos e de classe média são portadores da cidadania e humanidade idealizadas por um mundo racista. Repensar o modelo educacional não é mostrar para os discriminados que estes podem alcançar o padrão idealizado pela elite ariana, é mostrar que novos padrões não preconceituosos podem atingir o ideário da educação.

Elevar a autoestima dos que foram levados a autorrejeição deve o partir do pressuposto da valorização das culturas e preferir estéticas negadas pelo preconceito. Nas obras de Lobato não vemos esta valorização, trabalhar as obras de forma a desencadear um estudo histórico e um debate a respeito da falta de humanidade presente nelas, certamente levará os alunos à busca de padrões que diferem de Monteiro Lobato.

Segundo Yone Maria Gonzaga, no texto Racismo e Promoção da Igualdade Racial na Educação, disciplina Raça e Etnia,

... Na visão de ativistas negras/os, sobretudo a partir dos anos de 1930, a educação ocupa um lugar importante nos processos de produção de conhecimento sobre si e sobre “os outros”, contribui na formação de quadros intelectuais e políticos, além de ser constantemente requerida pelo mercado de trabalho como critério de seleção de uns e exclusão de outros. (GONZAGA, 2015)

É muito importante mostrar ao mundo a trajetória das lutas da população negra pela liberdade, é preciso exaltar a força deste povo na luta contra a opressão e o preconceito. É

inadmissível uma educadora criticar as cotas para negros nas universidades federais e particulares. Um educador que não reconhece a necessidade de valorização do negro na cultura atual não sabe da importância que lhe é atribuído na expansão de estereótipos. Investir na formação dos professores para reconhecer o papel que assume na propagação do racismo os ajudará a atuar de maneira positiva na educação sem discriminação.

Se é no ambiente educacional que podemos valorizar a diversidade cultural é neste mesmo ambiente que também devemos ampliar a participação do negro. Durante anos foi neste espaço que ele sofreu mais preconceito. Hoje notamos que ainda são tratados como eram no século XIX. Ouço muitos amigos falarem que negro não nasceu para a escola, que a escola é para todos, mas nem todos são para a escola. A população negra sempre reivindicou uma educação de qualidade. No final do século XIX início do século XX, começaram a surgir negros letrados, entre eles um mestiço de grande relevância na Literatura Brasileira, Machado de Assis. Estes mestiços, negros e pobres começam a incomodar a elite que defende a eugenia, pois contraria a ideia que os negros eram uma raça de baixa competência intelectual, muitos tratavam os negros nesta época como humanoides, distanciando-os do padrão de humano aceito e posicionando-os numa raça selvagem e distante da modernidade buscada por eles. Hoje esta ideia não está ultrapassada, muitos ainda acreditam que há uma raça superior no quesito conhecimento e aprendizagem. Estudar a história e valorizar o estudante negro é dever de todo educador.

Segundo Nilma Lino Gomes, no texto *Relações Étnico-raciais, Educação e Descolonização dos currículos*,

Vivemos um momento ímpar no campo do conhecimento. O debate sobre a diversidade epistemológica do mundo encontra maior espaço nas ciências humanas e sociais. É nesse contexto que a educação participa como um campo que articula de maneira tensa a teoria e a prática. Podemos dizer que, embora não seja uma relação linear, os avanços, as novas indagações e os limites da teoria educacional têm repercussões na prática pedagógica, assim como os desafios colocados por essa mesma prática impactam a teoria, indagam conceitos e categorias, questionam interpretações clássicas sobre o fenômeno educativo que ocorre dentro e fora do espaço escolar.

Esse processo atinge os currículos que, cada vez mais são inquiridos a mudar. Os dilemas para os formuladores de políticas, gestores, cursos de formação de

professores e para as escolas no que se refere ao currículo são outros: adequar-se as avaliações standartizadas nacionais e internacionais ou construir propostas criativas que dialoguem, de fato, com a realidade sociocultural brasileira, articulando conhecimento científico e os outros conhecimentos produzidos pelos sujeitos sociais em suas realidades sociais, culturais, históricas e políticas? Compreender o currículo como parte do processo de formação humana ou persistir em enxergá-lo como rol de conteúdos que preparam os estudantes para o mercado ou para o vestibular? E onde entra a autonomia do docente? E onde ficam as condições do trabalho docente, hoje, no Brasil e na América Latina? Como lidar com o currículo em um contexto de desigualdades e diversidade? (GOMES, 2012)

Não é tarefa da escola, formar apenas para o vestibular. Todo assassino em algum momento passou pela escola. Será que escola falhou quando formou um médico capaz de fazer dezenas de abortos? E quando formou um político corrupto que aumenta as desgraças dos pobres? Todo educador tem em suas mãos a responsabilidade de contribuir na formação de cidadãos com caráter e humanos. Quando o assunto é educar sem racismo é preciso conhecer a cultura afrodescendente para defende-la, pois educador sem conhecimento não muda pensamentos apenas fica como mero observador quando este provoca desgraças. No mesmo texto da autora citada anteriormente percebemos que esta congratula com tal ideia

[...] uma análise que nos permita avançar ou compreender de maneira mais profunda esse momento da educação brasileira não pode prescindir de uma leitura atenta que articule as duras condições materiais de existência vivida pelos sujeitos sociais às dinâmicas culturais, identitárias e políticas. É nesse contexto que se encontra a demanda curricular de introdução obrigatória do ensino de História da África e das culturas afrobrasileiras nas escolas da educação básica. Ela exige mudança de práticas e descolonização dos currículos da educação básica e superior em relação à África e aos afro-brasileiros. Mudanças de representação e de práticas. Exige questionamento dos lugares de poder. Indaga a relação entre direitos e privilégios arraigada em nossa cultura política e educacional, em nossas escolas e na própria universidade. (GOMES, 2012)

Levar Lobato às salas de aula é um risco eminente para à saúde das políticas de combate ao racismo. Precisamos de união e valorização da cultura afro. Formar o educador para o combate ao racismo é o primeiro passo.

## REFERÊNCIAS

BENTES, Raimunda Nilma de Melo. *Negritando*. Belém: Graphitte, 1993.

BIGNOTTO, Cilza. Monteiro Lobato em Construção. Campinas: Unicamp, 1999. Disponível em <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/cilza01Lobato.pdf> Acesso em 20 de outubro de 2015.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro: Record, 1989.

GOMES, Joaquim B. Barbosa. *Ação afirmativa & princípio constitucional da igualdade*. Rio de Janeiro/São Paulo: Renovar, 2001.

GOMES, Nilma Lino. *A mulher negra que vi de perto*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995. \_\_\_\_\_ . Gilberto Freyre e a nova história: uma aproximação possível. In: SCHWARCZ, Lília M.; e GOMES, Nilma Lino. *Antropologia e história: debate em região de fronteira*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 149-171.

\_\_\_\_\_ Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

GONÇALVEZ, Ana Maria. Políticas educacionais e racismo Monteiro Lobato e o Plano Nacional Biblioteca da Escola. Portal Fórum, 2012. Disponível em <http://www.revistaforum.com.br/idelberavelar/2012/09/10/politicas-educacionais-e-racismo-monteiro-lobato-e-o-plano-nacional-biblioteca-da-escola-por-ana-maria-goncalves> Acesso em 20 de outubro de 2015.

GONZAGA, Yone Maria. Racismo e Promoção da Igualdade Racial na Educação, palestra proferida no O 1º Seminário Afroconsciência e Promoção da Igualdade Racial, promovido pelo Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial (Compir) com o apoio da Prefeitura de Araguari, do Governo de Minas Gerais e do Imepac. 2015.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1999.

JACCOUD, Luciana e BEGHIN, Nathalie. *Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental*. Brasília, Ipea, 2002.

LAJOLO, Marisa. A figura do negro em Monteiro Lobato. Unicamp/iel, 1998. Disponível em <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf> Acesso em 10 de novembro de 2015.

LOBATO, Monteiro. *Caçadas de Pedrinho e Hans Staden*. São Paulo, Editora Brasiliense LTDA, 1957.

\_\_\_\_\_, *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo, Editora Brasiliense LTDA, 1995.

\_\_\_\_\_, *A chave do Tamanho*. São Paulo, Editora Brasiliense LTDA, 1995.

\_\_\_\_\_, *O Presidente Negro*. São Paulo, Editora Brasiliense LTDA, 1979.

\_\_\_\_\_, *Urupês, outros contos e coisas*. São Paulo, Nacional, 1945

LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MIKOLSCI, Richard. *Marcas da Diferença no Ensino Escolar*. São Carlos, EdUFSCar, 2010.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. *Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos*. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004.

\_\_\_\_\_. *Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil*. In: SPINK, Mary Jane Paris(Org.) *A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 1994, p.177-187.

\_\_\_\_\_. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESBRJ, em 5 nov. 2003

NOVAES, Sílvia Caiuby. *Jogo de espelhos*. São Paulo: EDUSP, 1993.

\_\_\_\_\_. Alunos, Literatura e racismo: uma análise sobre Monteiro Lobato e sua obra. Dossiê Monteiro Lobato. 2015. Disponível em <http://www.geledes.org.br/areas-de-atuacao/educacao/dossie-monteiro-lobato> Acesso em 15 de dezembro de 2015

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático, in MUNANGA, Kabengele, Brasília: MEC/BID/UNESCO, 2005.

SILVA, Adriana Silva. Enfrentamento ao preconceito Racial e Racismo Brasil. São Paulo: 2013. UFMG.

SOUZA, Construção Histórica da ideia de Raça e de Etnia, Ideologia Racial e Dinâmicas do racismo no contexto brasileiro. UFMG: 2015.

SPRANDEL, Márcia Anita. *A pobreza no paraíso tropical*. Rio de Janeiro: Dumará Edições de Publicações LTDA, 2004.

ZIRALDO. Que merda é essa, in Monteiro Lobato, Ziraldo e o racismo maluquinho – Opinião e notícia. Brasil, 2011. Disponível em

<http://opinioenoticia.com.br/brasil/politica/monteiro-lobato-ziraldo-e-o-racismo-maluquinho>

Acesso em 20 de outubro de 2015